

Práticas sustentáveis em território indígena: perspectiva de uma liderança kaingang**Sustainable Practices in Indigenous Territory: Perspective of a Kaingang Leadership**

DOI:10.34117/bjdv5n6-224

Recebimento dos originais: 17/05/2019

Aceitação para publicação: 03/06/2019

Aline Anklam

Graduanda em Administração
Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Independência, nº 3751, Bairro Vista Alegre, Palmeira das Missões - RS, Brasil
alineanklam@gmail.com

Michel Barboza Malheiros

Mestrando em Administração
Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Roraima, nº 1000, Bairro Camobi, Santa Maria - RS, Brasil
malheirosmb@gmail.com

Antonio Joreci Flores

Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul
Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Independência, nº 3751, Bairro Vista Alegre, Palmeira das Missões - RS, Brasil
alflores@terra.com.br

Alice do Carmo Jahn

Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo
Universidade Federal de Santa Maria
Avenida Independência, nº 3751, Bairro Vista Alegre, Palmeira das Missões - RS, Brasil
jahnalice@gmail.com

Gabriela Manfio Pohia

Graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria – campus Palmeira das Missões
Avenida Independência, nº 3751, Bairro Vista Alegre, Palmeira das Missões - RS, Brasil
gabimanfioo@gmail.com

RESUMO

A partir do programa de extensão e desenvolvimento rural sustentável, desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Maria - Campus de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul (RS), Brasil, realizou-se um estudo para conhecer as práticas sustentáveis em território indígena Kaingang, na comunidade de Inhacorá, a qual pertence ao município de São Valério do Sul. A Terra Indígena (TI) espaço de uso dos indígenas, representa mais de 60%

(Sessenta por cento) do território municipal, com cerca de 1.300 pessoas. Os indígenas culturalmente, tem uma forte relação com o meio ambiente, pois é através do mesmo que vivem e do cultivo da terra que retiram sua subsistência. Nesse espaço, visam manter suas tradições, com destaque para a preservação de suas falas no idioma Kaingang, o que fortalece seus costumes e heranças, representando bons exemplos para as futuras gerações. A pesquisa está relacionada diretamente com a questão da sustentabilidade indígena. Nesse sentido o presente trabalho teve como objetivo conhecer na perspectiva da liderança Kaingang, a existência de práticas sustentáveis em sua aldeia. No que tange a metodologia, o estudo se caracteriza como qualitativo, exploratório e bibliográfico, tendo como instrumento, relatos, conversa e entrevista com o líder protagonista da aldeia. Os resultados obtidos mostram as ações realizadas e limitações da aldeia indígena Inhacorá, como práticas sustentáveis realizadas pela mesma, onde se realizou um diálogo de troca de saberes da sustentabilidade na comunidade, levando questões de relevância para os atores sociais.

Palavras-chave: território indígena, liderança Kaingang, sustentabilidade.

ABSTRACT

Based on a program of extension and sustainable rural development, given by the Federal University of Santa Maria - Palmeira das Missões Campus, Rio Grande do Sul (RS), Brazil, a study was carried out to know the sustainable practices of the species Indigenous Land (TI), the space of indigenous use, represents more than 60% (Sixty percent) of the municipal territory, with about 1,300 inhabitants. The indigenous territory of the municipality of Inhacorá is a municipality in the municipality of São Valério do Sul. people. Indigenous people culturally, have a strong relationship with the environment, are responsible for it and plant the land that takes away their subsistence. In this space, people are interested in their speeches in the Kaingang language, which strengthens their costumes and legacies, showing good examples for future generations. One research relates to an issue of indigenous sustainability. In this sense, the present work aims to know a leadership perspective. Similarly, the methodology, the study is qualitative, exploratory and bibliographical, having as instrument, reports, conversation and interview with the leading protagonist of the village. The results of a new project were the actions carried out and lessons learned from the indigenous community, while sustainable research was the same, when sustainability content surveys were carried out in the community, leading to questions of relevance to the social actors.

Key words: indigenous field, Kaingang leadership, sustainability.

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), Campus de Palmeira das Missões, está situada na região Norte do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil, em território que apresenta características importantes, como se verifica com a presença de indígenas das etnias, Guarani e Kaingang, sendo essa composta em maior número (Jahn, Andriolli, Póhio Mazzonetto & Soler, 2017). Sendo com esta etnia que as aproximações acadêmicas e ações estão sendo realizadas.

Historicamente, os povos indígenas lutam pela sua existência e permanência cultural. Diferentes estilos de vida lhes foram impostos no contato interétnico. Sofreram a violação de seus direitos, contraíram agravos à saúde, violências, a expropriação de seus territórios, que na atualidade as consequências deste processo, continuam impactando negativamente na vida e conviver dos indígenas e coletividades (Portal Kaingang, 2017; Jahn, 2015).

Um dos impactos vivenciados pelos indígenas incide na sustentabilidade das famílias e permanência no território. As famílias, hoje aumentada, compartilham do mesmo espaço quando da (re) demarcação das TI, impondo a necessidade de outros arranjos e práticas de vivência e sobrevivência cultural. A sustentabilidade configura uma das grandes preocupações e desafios às lideranças indígenas, que buscam apoio em diferentes órgãos e entidades que possam contribuir na proposição de estratégias junto a comunidade, otimizando o potencial existentes no território. Apesar de avanços nas políticas públicas desenhadas pelo Estado, ainda não foram equacionadas as demandas dos povos indígenas e suas singularidades.

As questões relacionadas a temática indígena, vem sendo abordada há mais de uma década, ou seja, desde a adesão da UFSM-RS, na expansão do ensino público na região de sua abrangência, mediante inserções acadêmicas em Terras Indígenas. O contato e vínculos com os indígenas oportuniza o conhecimento com a troca de experiências interculturais. Busca-se problematizar e refletir junto aos atores sociais suas potencialidades aliando à missão Institucional nos pilares de sustentação, no ensino, pesquisa e a extensão universitária.

Neste sentido, a UFSM vem desenvolvendo um programa de extensão em desenvolvimento regional com a participação de estudantes de maneira multidisciplinar na TI Inhacorá, que pertence ao município de São Valério do Sul-RS. O município possui uma população de 2.647 habitantes, segundo dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] de 2010. Deste total, 1.300 habitantes são índios da etnia Kaingang que vivem numa aldeia na zona rural.

O povo Kaingang tem procurando manter viva sua cultura e tradições repassadas de geração em geração, assim como, sua organização social e política. Na configuração política desta cultura a autoridade central é desempenhada pelo cacique, o qual possui papéis importantes no campo de intermediações políticas em defesa dos direitos do povo Kaingang.

Os povos indígenas têm papel fundamental, no que diz respeito à preservação da natureza, revitalização da sua cultura e valorização da coletividade.

Assim, buscando refletir sobre o tema sustentabilidade delimitou-se o seguinte questionamento: Qual a visão do cacique da TI Inhacorá, RS, sobre práticas sustentáveis? Na busca de respostas a essa questão, o objetivo do presente estudo consiste em conhecer na perspectiva da liderança Kaingang a existência de práticas sustentáveis em sua aldeia. Na sequência segue os elementos da cultura Kaingang e sobre a sustentabilidade.

2 REFERENCIALTEÓRICO

2.1 SOBRE OS KAINGANG: ALGUNS ELEMENTOS TEÓRICOS

O povo Kaingang, segundo Veiga (1994), é habitante milenar do Brasil, e na atualidade são localizados em quatro Estados: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - RS. São falantes da língua *Jê*, e constituem um dos cinco povos indígenas mais numerosos do Brasil, com uma população em torno de 45.620 pessoas (Instituto Sócio Ambiental [ISA], 2018). Desde a infância as crianças aprendem primeiramente a língua materna com seus pais e com os *Kófa* (velhos). Os indígenas da TI Inhacorá só falam o idioma Kaingang, porém muitos são bilíngues. Falam os dois idiomas: o Kaingang e o português. A criança tem o primeiro contato e começa a aprender a língua portuguesa na escola (D'Angelis, 2002; Jahn, et al., 2017).

Os espaços de moradias dos Kaingang são em Terras Indígenas (TI) distribuídas sobre seus antigos territórios, centros urbanos, e também em acampamentos as margens de rodovias. No RS, são em torno de 18.000 índios, sendo que a maior concentração é verificada nas regiões ao Norte e Noroeste gaúcho (IBGE, 2010). O povo Kaingang sobreviveu a diferentes situações impostas no processo de colonização, sofreram violências, foram expulsos de suas terras e aldeados, e hoje, as consequências se refletem na vida dos indígenas que carecem com urgência de práticas sustentáveis, como forma de sua permanência na TI (Jahn, 2015; Jahn et al., 2017).

Na organização social do Kaingang, uma das características que permeia a vida dos indígenas está relacionada ao dualismo simbólico, o qual se refere às metades ou marcas que a pessoa pertence: *Kamé* ou *Kairu*. Essas marcas que identificam o Kaingang podem ser visualizadas, por exemplo, nas pinturas corporais. Os que são da metade *Kamé*, a pintura facial os traços são compridos e abertos (*râ téi*), os que pertencem à metade *Kairu*, as pinturas são motivos redondos e fechados (*râ ror*). htm (Veiga, 2006). As marcas exogênicas possuem características assimétricas, mas se complementam, ou seja, uma metade depende da outra para dar continuidade à metade oposta. A dualidade que

identifica a pessoa Kaingang, também permeia a natureza: as plantas, animais, o sol, a lua. Porque culturalmente tudo se relaciona com as metades (Jahn, 2015; Veiga, 2006).

Outro elemento importante na cultura do povo Kaingang na sua organização são as autoridades política. Existe um grupo de pessoas as quais são denominadas e conhecidas como liderança, a qual desempenham papéis importantes com atribuições na defesa dos interesses da comunidade, e também, fazem articulações e mediações políticas dentro e fora da aldeia. Na cultura Kaingang, a figura central na liderança, é exercida pelo cacique seguido de demais autoridades que ajudam no cuidado e manutenção do bem-estar da comunidade. Cada integrante que faz parte da liderança, tem uma função na equipe, desempenha um papel estratégico para soluções de problemas e encaminhamentos em conformidade com o posto que ocupa. Como o foco do presente estudo, está pautado na perspectiva da liderança, segue algumas informações acerca de suas atribuições.

2.2 LIDERANÇA NA CULTURA KAINGANG: PERSPECTIVA INDÍGENA

Em relação à liderança é de conhecimento que o povo Kaingang possui uma hierarquia disciplinar. A autoridade superior na aldeia é o cacique, que é responsável pela manutenção e ordem na comunidade indígena, seguido do vice Cacique. Um de seus papéis é o de realizar articulações políticas de interesse do grupo em diferentes instâncias, entre outras responsabilidades, com auxílio das demais autoridades para atender as demandas da aldeia (Jahn et al., 2017). A importância dos líderes na defesa dos seus direitos se verifica, por exemplo, na bancada da Câmara de vereadores do município que pertencem. Na atualidade três indígenas desempenham a função de vereador, inclusive o cacique desempenhou o papel esta função e também de presidente da Câmara.

As funções do cacique e do vice Cacique correspondem à representação da coletividade nas decisões sobre vários aspectos da dinâmica interna da comunidade, correspondente a aspectos econômicos, políticos, saúde, jurídicos e éticos. De modo geral, para os Kaingang, a autoridade de seus caciques está diretamente relacionada à sua capacidade em representar sua coletividade. Com isso, é esperado por estes, que a autoridade de seus caciques ultrapasse os limites da Terra Indígena (ISA, 2018).

As funções do cacique e vice Cacique recebem suporte de outras autoridades Kaingang, mais conhecidos como conselho local. Além destes, os demais membros da liderança são atores sociais que cumprem funções específicas, relacionadas ao controle social (soldados e sargentos), aos processos de tomada de decisão (capitães e conselheiros)

- cujos termos são adotados pelos próprios Indígenas (ISA, 2018). As funções da liderança podem ser visualizadas no quadro 1:

Quadro 1: Hierarquia da liderança Indígena do Povo Kaingang.

Unidade Social	Autoridade	Funções
Terra Indígena	Cacique	Atua âmbito: interno/externo
	Vice Cacique	Representa o cacique em sua ausência/atua nos projetos
Aldeia	Capitão/conselheiros	Manutenção da ordem
	Sargentos	Punições

Fonte: Adaptado de ISA (2018).

Embora cada líder (autoridade) detenha características que são específicas pela sua etnia e pelo contexto Interétnico de sua aldeia, ou história pessoal, há experiências e traços comuns ao próprio fenômeno da liderança (Ortolan-Matos, 2006). Um importante diferencial do protagonista de uma aldeia, normalmente está vinculado ao envolvimento na sociedade nacional, nas entidades étnicas e nas instituições sociopolíticas. A autora discorre que estas experiências são adquiridas no período em que os autóctones se envolvem com o mundo dos brancos, principalmente no que tange a questões relacionadas à educação, trabalho

remunerado, saúde, política local e/ou trocas comerciais. Nesse sentido, as trocas de experiência são importantes, por mais diversas que sejam, pois proporcionam a compreensão do Estado e da sociedade e os habilitam ao exercício da liderança no contexto indígena (Ortolan-Matos, 2006).

No sistema político Kaingang na TI Inhacorá, a escolha do líder é feita mediante o consenso da comunidade na indicação do nome. Na escolha da pessoa como líder são consideradas algumas características importantes como: a história e perfil da pessoa, sua atuação dentro e fora da aldeia, seu comprometimento e responsabilidade às questões inerentes ao povo, ser falante do idioma em português, ser um articulador com habilidades para negociar com autoridades políticas na sociedade envolvente, entre outras. Da mesma forma que o povo escolhe seu líder e acompanha seu trabalho, também tem poder de

deslegitima-lo quando ele não corresponder às expectativas coletivas. Após a escolha do nome do cacique ele que compõe a escolha de sua equipe de trabalho.

O cacique conta com o suporte de pessoas no quadro da liderança em todas as atividades que diz respeita a comunidade Kaingang, e também, nas questões políticas de interesse do grupo. Além do quadro da liderança, o cacique conta com a ajuda de pessoas de suas relações e confiança na obtenção de informações como, dos espaços de circulação que cada um exerce dentro do sistema político Kaingang. Ortolan-Matos (2006) afirma que, embora cada líder possua características que lhes são específica pela sua etnia, pelo contexto interétnico de seu grupo e/ou pela história pessoal, há experiências e traços comuns ao próprio fenômeno liderança na contemporaneidade.

Um diferencial importante do protagonismo da liderança (cacique) está normalmente vinculado ao seu envolvimento e/ou trânsito na sociedade nacional, nas entidades políticas étnicas e nas instituições sociopolíticas do Estado-nação.

Após tecer algumas informações acerca da organização social e política Kaingang, segue dados sobre as condições econômicas dos atores sociais da TI Inhacorá. A renda das famílias gira em torno de algumas frentes no cultivo praticado como meio de subsistência e produção, a qual se destina a toda comunidade. O que é produzido na lavoura coletiva ou comunitária como os indígenas denominam, é dividido entre as famílias. Outra modalidade presente são as roças familiares com o plantio de mandioca, milho, batata doce, abóbora e alguns criam suínos.

Outra fonte provém dos trabalhos dentro da TI, é o caso de indígenas que atuam na Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e nas escolas indígenas (duas). Porém, é um número muito pequeno que exercem funções nestes espaços. A principal fonte de renda da maioria da população provém da venda de artesanatos. Além destes meios de subsistência, uma parcela significativa recebe o benefício do Bolsa Família, programa governamental, assim como, muitas das moradias foram adquiridas com o plano “ Minha Casa Minha Vida”, lançado no ano 2009 no Brasil (Jahn, et al., 2017; BRASIL,2018).

A TI é muito fértil e por estar localizada em áreas privilegiadas pelo clima, solo, relevo e mananciais, são fortemente desejadas pelos brancos para o plantio em larga escala de monoculturas. Existem áreas de plantio de soja dentro da TI e suas mediações, o que motiva conflitos entre indígenas e brancos. Outra preocupação da liderança, é em relação aos agrotóxicos que incidem e contribui na vulnerabilidade social, econômica e de saúde

dos atores sociais. São muitos os elementos que os indígenas se deparam, assim merecem atenção e intervenções de políticas públicas concretas dos gestores de diferentes esferas.

O cenário do estudo, TI Inhacorá, fica distante em 14 Km do município de São Valério do Sul-RS, a qual faz parte. O município está localizado ao Norte do Estado, e conforme dados do último censo do IBGE (2010), possui um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,642, e sua população de 2.647 habitantes. Deste total, 510 pessoas residem na área urbana e o restante, 2.137 residem na área rural, sendo que destas, cerca de 1.300 é composta por índios da etnia Kaingang (Jahn, 2015 & IBGE, 2010). A figura 1 apresenta a região em questão:

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Sul com localização do município de São Valério do Sul e Território Indígena Inhacorá.



Fonte: Portal Terras Indígenas no Brasil, 2018.

Conforme dados encontrados no Portal Kaingang (2017), na TI Inhacorá, os indígenas dividem os espaços de circulação que está organizada em uma aldeia. Nela habitam exclusivamente indígenas da etnia Kaingang. Suas terras constituem uma das mais antigas demarcadas oficialmente pelo Estado em 1918, e conforme constava nos registros oficiais, de

8.023 hectares (há). Em 1921, a TI sofreu nova delimitação pelo governo do Estado do RS, ficando reduzida em 5.859 ha. Desse total, em 1962, o governo destinou parte das terras para agricultores e para uma estação experimental da Secretaria de Agricultura. Os índios após reivindicações conseguiram reaver as terras que haviam sido destinadas a estação experimental. Hoje vivem em 2.843,38 há, o que restou de suas terras após longos embates e disputas. Nessa dimensão, no tópico a seguir, torna-se relevante conhecer aspectos da sustentabilidade no contexto Indígena.

2.3 SUSTENTABILIDADE EM TERRITÓRIO INDÍGENA

A necessidade de preservação do meio ambiente e do uso sustentável dos recursos naturais é um tema de crescente consolidação científica, além de nas últimas décadas ter ganhado força nas mais relevantes discussões sociais (Souza & Weissheimer, 2016). É nesse

sentido, que surge a adoção de práticas sustentáveis tanto em meio social e ambiental como organizacional.

Desde a conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, realizada no ano de 1972, a questão norteadora para o debate dizia respeito à proteção ao meio ambiente e direito ao desenvolvimento, tanto em países pobres como em países ricos (Weis, 2014; Souza & Weissheimer, 2016).

Para os autores, a sustentabilidade - do ponto de vista ecológico - consiste nos recursos naturais existentes em uma sociedade, que corresponde à capacidade natural de suportar ações empreendedoras locais. Nessa perspectiva, Sarreta (2007) e Fiorillo (2017) salientam que o meio ambiente natural ou físico é, essencialmente, constituído por solo, água, flora, ar e fauna e, nessa análise, a sustentabilidade origina-se da ideia do desenvolvimento sustentável, por meio de práticas sustentáveis.

A sustentabilidade, segundo Sachs (2002) e Placet, Anderson e Fowler (2005), possui dimensões e/ou critérios que são descritas em: a) Social, onde se tem relação com um sistema social sustentável que propicia o alcance da justiça social gerando renda e oportunidades por meio dos serviços sociais; b) Ambiental, trata-se de produzir e consumir de modo a garantir que os ecossistemas possam manter sua autorreparação ou capacidade de resiliência; c) Econômico, onde um sistema econômico sustentável deve gerar produtos e serviços de maneira contínua. d) Cultural: equilíbrio entre respeito à tradição e inovação; e) Ecológico, preservação da natureza na produção de recursos

renováveis; f) Territorial, melhoria do ambiente urbano, estratégias de desenvolvimento ambiental; g) Política (nacional), nível razoável de coesão social; h) Política (internacional), garantia de paz e promoção da cooperação internacional.

Com base nas dimensões apresentadas, destaca-se o tripé da sustentabilidade explicado por Placet, Anderson e Fowler (2005), que é dividido da seguinte maneira: ambiental: além de procurar manter a biodiversidade, a estabilidade da atmosfera e as demais funções do ecossistema tratam-se, portanto, de produzir e consumir de forma a garantir que os ecossistemas possam manter sua autorreparação ou capacidade de resiliência. Na percepção indígena, envolve a proteção do ar, da água, da terra e dos ecossistemas.

a) econômica: um sistema econômico sustentável deve conceber produtos e serviços de modo contínuo, sem gerar tributos ou problemas financeiros. É criar oportunidades econômicas para organizações e suas partes interessadas, como por exemplo, a comunidade do entorno;

b) social: um sistema social sustentável alcança a justiça social gerando renda e oportunidades por meio dos serviços sociais básicos como saúde e instrução e de um tratamento igual a todos seus membros. Em outras palavras, isso significa erradicar a pobreza, delimitando limites mínimos e máximos de acesso a bens materiais. Busca qualidade de vida e equidade para os trabalhadores e para a sociedade como um todo (Placet, Anderson & Fowler, 2005; Hourneaux Junior, 2010).

Frente ao exposto, o desenvolvimento sustentável deve ser visto em um equilíbrio entre as dimensões citadas anteriormente e, somente acontecerá, quando as condições sociais e econômicas forem aperfeiçoadas ao longo do tempo sem exceder a capacidade ambiental (Wenger, 1998 & Sikdar, 2003). Tendo em conta a proposta de análise no presente estudo, torna-se oportuno destacar que cultura e tradição indígena estão diretamente relacionadas ao meio ambiente, especialmente no que diz respeito à subsistência, tendo a terra como o suporte que fornece alimento ao povo, frutos proporcionam lazer e bem-estar à comunidade (Behring & Boschetti, 2008; Weis, 2014).

O tripé da sustentabilidade: ambiental, econômico e social - deve estar em constante equilíbrio para que seja proporcionando a uma sociedade ou território o seu efetivo desenvolvimento; contudo, faz-se necessário a existência de políticas públicas que amparem e incentivem este equilíbrio, especialmente em ambientes diversificados, como as terras indígenas (Viegas, Bianchi & Medeiros, 2015).

Nesse parâmetro, o alcance da sustentabilidade em comunidades indígenas é um constante desafio, pois na medida em que a sociedade e suas práticas avançam, as TI são afetadas, pois nem sempre conseguem acompanhar estes avanços, que vão de comércio, práticas alimentares, produção de alimentos para subsistência, entre outros.

3 O CAMINHO METODOLÓGICO

As aproximações com os atores sociais seguem abaixo, seguido das etapas da metodologia adotadas para a realização do estudo.

3.1 APROXIMAÇÃO COM O TERRITÓRIO INDÍGENA KAINGANG DA TIINHACORÁ

A aproximação e vínculos acadêmicos com o povo Kaingang da TI Inhacorá, vem ocorrendo há mais de dois anos, período que vem sendo desenvolvendo o Programa de Extensão em Desenvolvimento Regional Sustentável. Assim, o estudo está vinculado ao programa, o qual consiste de uma pesquisa-ação. As aproximações interculturais foram motivadas pelo: interesse da liderança, atribuindo que a presença da Universidade entre eles, constituiria um canal importante para ajuda-los nas demandas prioritárias, na saúde, educação, lazer, agricultura. Outros fatores que reforçaram a aproximação aconteceram pela: receptividade da liderança e comunidade as iniciativas e ações acadêmicas construídas de acordo com suas demandas, o baixo IDH, e pelo fato dos atores sociais não serem contemplados em projetos governamentais.

3.2 ETAPAS DA METODOLOGIA

O trabalho emergiu no decorrer das ações desenvolvidas no programa de extensão, quando o cacique trouxe traz nos encontros interculturais, a preocupação com a sustentabilidade de sua comunidade.

A primeira etapa da pesquisa, denominada pesquisa bibliográfica, que fornece suporte e embasamento para o desenvolvimento das demais etapas foi delimitada a partir de pressupostos referentes: à sustentabilidade no contexto indígena com abordagens de Wenger (1998), Sachs (2002), Sikdar (2003), Placet et al. (2005), Sarreta (2007), Weiss(2014), Viegas et al. (2015), Souza e Weissheimer (2016) e Fiorillo (2017) e à liderança no contexto indígena com abordagens dos autores Ortolan-Matos (2006), Veiga (2006), Jahn (2015) e Jahn et al (2017). Para a realização da pesquisa bibliográfica, foram

utilizados os portais de conteúdo científico juntamente com a consulta em livros referentes ao temaproposto.

Aliando a presente pesquisa, ao programa de extensão em desenvolvimento, fez-se uma pesquisa exploratória a respeito da temática, práticas sustentáveis na perspectiva da liderança política Kaingang, tendo como protagonista o cacique. Buscou-se acessar uma bibliografiaque tratasse denarrativas, história, costumes, cosmologia, participação da liderança, e pesquisas relacionados a sustentabilidade, tema em questão. Às técnicas de coletas de dados foi à entrevista, vídeo, a observação participante, registro em caderno de campo dos relatos do cacique nas ações junto ao grupo de extensionistas da UFSM. A coleta dos dados do estudo foi realizada no período que compreendeu de março a julho de 2018, tendo como local a Universidade Federal de Santa Maria – campus Palmeira das Missões, Brasil.

O estudo é de corte qualitativo e natureza descritivo-exploratória, e busca compreender a problemática sustentabilidade na perspectiva da liderança indígena como categoria analítica. Portanto, neste artigo, analisou-se o relato da principal liderança indígena da TI Inhacorá, para descrever a existência de possíveis práticas sustentáveis em sua comunidade.

Os dados obtidos junto à liderança Kaingang foram: relacionados ao descarte do lixo (resíduos sólidos), desempenho econômico e ambiental, políticas econômicas, dentre outros. Esses elementos e/ou dados foram analisados em consonância com as dimensões do tripé da sustentabilidade: ambiental, econômica e social. No próximo tópico, são apresentadas as discussões de acordo com o tripé ambiental.

4 RESULTADOS

Esta seção irá apresentar análise dos resultados encontrados obtidos por meio da pesquisa previamente estabelecida para a realização do trabalho, pertinentes a descrição do local pretendido de trabalho e ao tripé da sustentabilidade, voltado para a perspectiva de uma liderança Indígena Kaingang.

4.2 AS DIMENSÕES AMBIENTAIS, ECONÔMICAS, SOCIAIS E DO TERRITÓRIO INDÍGENA INHACORÁ

4.2.1 Dimensões ambientais

Nessa perspectiva, o presente estudo buscou compreender quais são as ações realizadas na aldeia para a preservação do meio ambiente. Dentre elas, destacam-se como é feita a coleta de lixo e, senão a ausência deste, acontece a queima. Ainda, é possível identificar, qual a visão da população acerca do desempenho ambiental, tanto da comunidade como por parte dos moradores. Estes discorrem que a preocupação com o ambiente está presente nas discussões diárias. Outro fator de grande relevância é a degradação dos elementos naturais, como a vegetação original, transformada em lavouras de monocultura, que acabam gerando desgaste e erosão do solo, poluição no rio que banha a comunidade.

Nesse aspecto, a questão ambiental, em essência para os Indígenas Kaingang, envolve o proteger do ar, da água, da terra e dos ecossistemas, (Placet, Anderson & Fowler, 2005; Hourneaux Junior, 2010). Este talvez seja o aspecto com maior expectativa do estudo, pois a cultura indígena depende fortemente do meio ambiente para a sua subsistência.

Em relação à prática ambiental na comunidade, destaca-se que a maior parte da comunidade entende a importância da preservação do meio ambiente. Pois a terra é um meio econômico e precisa ser protegida, para a manutenção e bem estar da comunidade e de todos ao seu redor.

4.2.2 Dimensões econômicas

Na perspectiva econômica, o estudo buscará compreender como acontece a gestão dos recursos econômicos da sua aldeia, bem como identificar se existem políticas voltadas para a realidade indígena, pois Behring e Boschetti (2008) explicam que as políticas são desenvolvidas para dar resposta às diversas expressões de uma sociedade, sejam econômicas ou sociais.

Ainda, foi possível identificar os comércios existentes na Terra Indígena Inhaçorá, que correspondem ao artesanato realizado pelos membros da comunidade e comercializados no município de São Valério do Sul – RS - Brasil. Ainda ocorre a criação de animais e plantio de hortaliças, que é utilizado para a própria subsistência.

4.2.3 Dimensões sociais

O conceito de práticas sociais pode ser entendido como um fazer específico a um contexto social que tenha um significado (Sikdar, 2003 & Wenger, 1998). Nesse sentido, o

estudo buscou identificar os tipos de ações sociais realizadas na Terra Indígena e de como estas impactam a população da aldeia.

Ainda, foi investigado que instituições chegam à comunidade com propostas de ações sociais e projetos educativos para atender as carências sociais da população; ainda será investigado se estes possuem o uso de tecnologias em sua aldeia e como isto afeta as relações interpessoais e culturais da aldeia.

Com isso, as ações sociais realizadas na aldeia correspondem a oficinas de aprendizagem, rodas de conversas, palestras e discussões sobre as demandas da aldeia, bem como a construção de trabalhos para o atendimento destas demandas. Tais ações são realizadas em parceria com o município de São Valério do Sul, RS – Brasil, UFSM-PM, FUNAI e SESAI. O impacto causado, segundo a comunidade, é muito positivo pois proporciona interação e a construção de laços culturais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como o estudo foi possível compreender como a sustentabilidade é percebida no contexto indígena por sua respectiva liderança em relação às dimensões econômicas, sociais e ambientais para com a comunidade indígena Inhacorá, São Valério do Sul, RS.

O objetivo principal do estudo foi conhecer as práticas sustentáveis em território indígena Kaingang, na comunidade de Inhacorá, onde se procura evidenciar a preocupação com os recursos naturais, a preservação da cultura, para que a comunidade seja considerada sustentável, além da geração de trabalho e renda girar em torno da sustentabilidade, valorizando a natureza.

O estudo feito a partir das três dimensões da sustentabilidade, na perspectiva da liderança, evidenciou a grande influência das variáveis formas de fontes de recursos utilizados. Ressaltando que as mesmas variáveis exercem uma notável influência dentro da comunidade, para ser consideradas sustentável.

As análises realizadas simultaneamente com os resultados encontrados são comprovadas que a maior inquietação da comunidade é em preservar o meio ambiente em que está introduzida, principalmente com os fatores ambientais e de retornos para a comunidade garantindo condições para reprodução física e cultural.

Diante deste contexto, entende-se que os indígenas precisam de ações voltadas ao desenvolvimento sustentável de modo que haja um aproveitamento dos recursos naturais em equilíbrio entre as dimensões ambiental, econômica, ecológica, social e cultural. O desenvolvimento sustentável traz benefícios não somente a comunidade Indígena Inhacorá, mas também para toda a sociedade, em curto e no longo prazo.

REFERÊNCIAS

Behring, E. R. & Boschetti, I. C. (2008). *Política social e método*. São Paulo: Cortez.

BRASIL. (2018). Governo Federal. *Secretaria do Governo*. Secretaria do Governo.

Recuperado de <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/>>.

Cabixi, D. (2006). Em busca de autonomia. *Brasil Indígena*, Brasília, DF, ano 3, v. 3, n. 1, p.

4–7, mar./abr. Entrevista concedida a Ademir Rodrigues. Recuperado de

<<http://funai.gov.br>>.

D'Angelis, W. (2002). A Língua Kaingang. *Portal Kaingang*. Recuperado de

<http://www.portalkaingang.org/lgua_kaingang.pdf>.

Fiorillo, C. A. P. (2017). *Curso de direito ambiental brasileiro*. 17. ed. São Paulo: Saraiva.

Gil, A. C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Hourneaux Junior, F. (2010). *Relações entre as partes interessadas (stakeholders) e o sistema de mensuração de desempenho das organizações*. 2010. 218 f. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. 2010. *Censo demográfico*. Recuperado

de <<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2645>>

.

Instituto Socioambiental [ISA]. (2018). *Povos Indígenas no Brasil*. Recuperado de <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/286>.

_____.(2018). *Povos Indígenas no Brasil*. Recuperado de <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kaingang>.

Jahn, A. C. O. (2015). *Kófa: uma etnografia sobre velhice Kaingang*. 2015. 143 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Enfermagem. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem.

_____et al. (2017). O RETORNO DOS KAINGANG À TERRA INDÍGENAINHACORÁ

APÓS A DESAPROPRIAÇÃO: desafios e possibilidades. *Revista Orbis Latina*, Foz do Iguaçu, (7)3, pp.105-118, jul. Recuperado de <https://revistas.unila.edu.br/orbis/article/view/965/885>.

Ortolan-Matos, M. H. (2006). *Rumos do movimento indígena no Brasil contemporâneo: experiências exemplares no Vale do Javari*. 244 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)

– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP, 2006.

Placet, M., Anderson, R. & Fowler, K. M. (2005). Strategies for sustainability. *Research Technology Management*, (48)5 , pp. 32 – 41.

Portal Kaingang. (2017). *Demarcação de terras indígenas Kaingang*. Recuperado de

<http://www.portalkaingang.org/index_historia_4.htm>.

Sachs, I. (2002). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond.

Sarreta, C. R. L. (2007). *Meio ambiente e consumo sustentável: direitos e deveres do consumidor*. Passo Fundo: UFP.

Sikdar, S. K. (2003). Sustainable development and sustainability metrics. *American Institute of Chemical Engineers Journal*, (49)8, pp. 1928 - 1932.

Souza, A. B. de. & Weissheimer, L. INFLUÊNCIAS DO DIREITO AMBIENTAL NOS DIREITOS INDÍGENAS. (2016). *Revista Eletrônica Direito e Política*, Itajaí, (11)2, pp.679-704, jun/jul/ago/set. Recuperado de

<<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rdp/article/view/9024/5013>>.

Veiga, J. (2006). Metades clínicas. *Portal Kaingang*. Recuperado de http://www.portalkaingang.org/index_cultura_2_1.htm.

Viegas, P. B., Bianchi, R. C. & Medeiros, F. S. B. (2015). Práticas sustentáveis ambientais utilizadas no setor de pós-vendas em concessionárias de veículos leves: um estudo de multicasos. *GEPROS - Revista Gestão da Produção, Operações e Sistemas*, (10)1, pp. 101-117. Recuperado de <https://search.proquest.com/docview/1723097883?pq-origsite=gscholar>.

Weis, B. M. C. (2018). Indígenas, sustentabilidade e meio ambiente. *Âmbito Jurídico*.

Recuperado de:

http://ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=15034.

Wenger, E. (1998). *Communities of practice learning, meaning and identity*. Cambridge, New York: Cambridge University Press.